



## Visita de Estado de D. Manuel II a França (1909): o discurso da *Ilustração Portuguesa*

Jorge Pedro SOUSA<sup>1</sup>

Denise GUIMARÃES-GUEDES<sup>2</sup>

### Resumo:

O rei português, Manuel II, visitou, oficialmente, França, entre 27 de novembro e 2 de dezembro de 1909. Esta pesquisa analisa a narrativa iconográfica – contando com o correspondente texto verbal – que a revista ilustrada semanal *Ilustração Portuguesa*, de Portugal, construiu do acontecimento. Utiliza-se uma metodologia qualiquantitativa. A componente qualitativa baseia-se numa abordagem hermenêutica e heurística ao discurso, com os objetivos de identificar as estruturas de linguagem iconoverbal e narrativas em jogo e de desvelar os enquadramentos propostos ao leitor, tendo em consideração o que se conhece sobre o contexto histórico da época e a noticiabilidade do acontecimento. A componente quantitativa baseia-se numa análise de conteúdo com categorias definidas *a priori*. Concluiu-se que a cobertura jornalística ofereceu uma leitura fílmica e testemunhal da evolução do acontecimento, valorizou a imagem do soberano português, recebido com honras numa república, e sustentou, assim, simbolicamente, o *statu quo*, beneficiando a monarquia portuguesa.

**Palavras-chave:** Manuel II; visita de Estado a França (1909); cobertura fotojornalística; revistas ilustradas; *Ilustração Portuguesa*.

## State visit of King Manuel II to France (1909): the discourse of *Ilustração Portuguesa*

### Abstract:

The Portuguese king, Manuel II, made an official visit to France, from November 27 to December 2, 1909. This research analyzes the iconographic narrative – counting with the corresponding verbal text – that the weekly illustrated magazine *Ilustração Portuguesa*, from Portugal, built of the event. A qualitative-quantitative methodology is used. The qualitative component is based on a hermeneutic and heuristic approach to the discourse, with the objectives of identifying the icono-verbal and narrative language structures at play and of unveiling the framings proposed to the reader, taking into account what is known about the historical context of the time and the newsworthiness of the event. The quantitative component is based on a content analysis with *a priori* defined categories. It was concluded that the journalistic coverage offered a filmic and testimonial reading of the evolution of the event, valued the image of the Portuguese sovereign, received with honors in a republic, and thus symbolically sustained the *statu quo*, benefiting the Portuguese monarchy.

**Keywords:** Manuel II; state visit to France (1909); photojournalistic coverage; illustrated magazines; *Ilustração Portuguesa*.

---

<sup>1</sup> Professor catedrático e investigador da Universidade Fernando Pessoa e do ICNova - Instituto de Ciências da Comunicação da Universidade Nova de Lisboa, Portugal. *E-mail:* jpsousa@ufp.edu.pt

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP). *E-mail:* guimaraes.guedes@unesp.br





## Visita de estado del Rey Manuel II a Francia (1909): el discurso de *Ilustração Portuguesa*

### Resumen:

El rey portugués Manuel II realizó una visita oficial a Francia, del 27 de noviembre al 2 de diciembre de 1909. Esta investigación analiza la narración iconográfica – contando con el correspondiente texto verbal – que la revista ilustrada *Ilustração Portuguesa*, de Portugal, construyó del acontecimiento. Se utiliza una metodología cualitativa-cuantitativa. El componente cualitativo se basa en una aproximación hermenéutica y heurística al discurso, con el objetivo de identificar las estructuras del lenguaje icono-verbal y de la narrativa en juego y desvelar los encuadres propuestos al lector, teniendo en cuenta lo que se sabe sobre el contexto histórico de la época y la noticiabilidad del acontecimiento. El componente cuantitativo se basa en un análisis de contenido con categorías definidas *a priori*. Se concluyó que la cobertura periodística ofreció una lectura filmica y testimonial de la evolución del acontecimiento, valorizó la imagen del soberano portugués, recibido con honores en una república, y así sostuvo, simbólicamente, el *statu quo*, beneficiando a la monarquía portuguesa.

**Palabras clave:** Manuel II; visita de Estado a França (1909); cobertura fotoperiodística; revistas ilustradas; *Ilustração Portuguesa*.

### Introdução

O último rei de Portugal, D. Manuel II, visitou, oficialmente, França, entre 27 de novembro e 2 de dezembro de 1909, no âmbito de uma série sucessiva de visitas de Estado que o tinham levado, previamente, a Espanha e Inglaterra<sup>3</sup>.

A visita real a França foi a terceira e última visita de estado do rei ao estrangeiro. A república seria imposta revolucionariamente em Portugal menos de um ano depois, a 5 de outubro de 1910. Tratou-se, principalmente, de uma visita protocolar, destinada a reforçar os laços entre os dois países e a apresentar o jovem chefe de estado português ao governo francês, introduzindo-o na política europeia. As visitas anteriores a Espanha e Inglaterra tinham tido outros propósitos – assegurar o apoio destas potências à monarquia portuguesa e garantir um casamento com uma princesa britânica (*Ilustração Portuguesa*, 6 dez. 1909, p. 736; *Ilustração Portuguesa*, 13 dez. 1909, p. 761-762) que colocasse o jovem rei sob a proteção direta da monarquia britânica (Fernandes, 2008), pois o futuro revelava-se imprevisível, dada a agitação republicana que marcava o ambiente político em Portugal.

Envolvendo os chefes de estado francês e português e uma das principais potências da época, a França, sendo delimitável no tempo e no espaço, a visita de Estado de D. Manuel II a

---

<sup>3</sup> Esta visita circunscreveu-se, de facto, a Inglaterra, não tendo o rei visitado outros países e territórios britânicos.





França foi notável e notada em Portugal, tornando-se notícia. Foi, portanto, percebida como um *acontecimento*, como uma singularidade notória, na linha do raciocínio de autores como Adriano Duarte Rodrigues (1988) ou Adelmo Genro Filho (2012). Teve valor como notícia, considerando que jornalistas coevos julgaram o fato como um acontecimento com valor noticioso, uma singularidade digna de se tornar notícia, um facto social notável e noticiável, dentro da linha interpretativa aberta por Galtung e Ruge (1965).

Não se detetou, no entanto, qualquer pesquisa sobre a cobertura jornalística da visita real a França, ainda que, ao tempo, a imprensa tivesse uma imensa penetração na sociedade portuguesa, particularmente nos principais meios urbanos, encontrando-se o jornalismo de cariz industrial e partidariamente independente consolidado em Portugal (Lima, 2012; Matos, 2014; Sousa, 2021). Por exclusão de partes, também não existe qualquer estudo centrado na análise da cobertura iconográfica da visita de Estado de D. Manuel II a França pela imprensa, lacuna que a presente investigação pretende suprir.

Como fator adicional de relevância para a investigação, em 1909 o fotojornalismo encontrava-se em consolidação como prática, como ofício ou mesmo profissão e ainda como produto jornalístico (Sousa, 2000; 2017; 2020), devido a fotógrafos como, no caso português, Joshua Benoliel<sup>4</sup>, que acompanhou o rei nas visitas de Estado a Espanha, Inglaterra e França, ainda que desta última não existam na revista fotografias assinadas por este pioneiro do fotojornalismo.

Uma análise da cobertura iconográfica da visita real de D. Manuel II a França pela imprensa portuguesa teve de passar pelo estudo de revistas ilustradas informativas, palco fundamental da fotografia jornalística e documental à época (Proença; Manique, 1990; Serén, 2004; Sousa, 2000; 2017; 2020). Havendo várias revistas ilustradas portuguesas de informação geral que se podem inserir nessa categoria e que circulavam ao tempo, escolheu-se, para este estudo, a mais relevante em periodicidade (era a única revista semanal ilustrada), tiragem e circulação – a revista semanal *Ilustração Portuguesa*. A revista foi publicada a partir de 1903 pela empresa do jornal *O Século*, um diário nascido republicano e convertido a um modelo

---

<sup>4</sup> Joshua Benoliel (1873-1932) é considerado o primeiro fotojornalista profissional português e o pioneiro da fotorreportagem em Portugal. Trabalhou para várias publicações, mas distinguiu-se como colaborador do jornal *O Século* e da sua revista *Ilustração Portuguesa*, entre 1906 e 1918 e, a partir de 1924, já como editor de Fotografia do jornal (chefe dos Serviços Fotográficos).





industrializado de jornalismo. Ao tempo dos acontecimentos analisados neste artigo, a revista era dirigida pelo jornalista de ideologia monárquica Carlos Malheiro Dias, que veio, mais tarde, a dirigir a revista brasileira *O Cruzeiro*. Apresentava-se sob o lema “Revista Semanal dos Acontecimentos da Vida Portuguesa”, apesar de incluir bastante informação internacional. Cobria a sociedade, a política, as artes, o desporto e as relações internacionais, entre outros assuntos. Foi a mais importante revista gráfica de informação geral portuguesa, em tiragem e circulação, entre 1903 e 1924.

A *Ilustração Portuguesa* foi, aliás, a única revista ilustrada nacional que teve a iniciativa de enviar um foto-repórter para acompanhar o rei. A cobertura que protagonizou da visita de estado de D. Manuel II a França foi, também, significativamente mais extensa do que aquela que foi feita pelas restantes publicações nacionais do mesmo género<sup>5</sup>, nenhuma delas semanal.

Considerando a importância do fotojornalismo como fonte histórica (Oliveira, 1997); considerando, ainda, que uma narrativa é a materialização do ato de narrar, ou seja, de reportar, de relatar, construindo-se pela apresentação de uma série de ações conectadas, num espaço e tempo específicos e determinados, no qual intervêm personagens que, normalmente, interagem umas com as outras; considerando, finalmente, que uma narrativa fotográfica e especificamente fotojornalística obedecerá aos parâmetros caracterizadores das ambições básicas da reportagem fotográfica, nomeadamente construir narrativas visuais e testemunhais dos acontecimentos, a presente investigação partiu, assim, da seguinte questão inicial: qual foi a narrativa iconográfica – contando, contextualmente, com o texto verbal correlacionado – que a *Ilustração Portuguesa* construiu sobre a visita real de D. Manuel II a França?

Sendo o objetivo geral da pesquisa delimitado pela resposta à pergunta de partida, foram objetivos específicos da investigação:

1. Determinar a estrutura temática da narrativa iconográfica sobre a visita de Estado de D. Manuel II a França construída pela *Ilustração Portuguesa*;

---

<sup>5</sup> *O Ocidente* refere-se à visita real a França no número de 10 de dezembro de 1909, numa crónica que se estende ao longo de cinco páginas, com três fotografias sobre o assunto. A revista *Brasil-Portugal* omite o assunto.





2. Identificar os géneros fotográficos e os recursos expressivo-simbólicos usados pela revista para produzir sentido sobre o episódio histórico;
3. Evidenciar o significado e os enquadramentos sugeridos pela *Ilustração Portuguesa* para o acontecimento, tendo em conta a articulação entre a iconografia e o texto verbal e o que se conhece do contexto da época.

Atentando, ainda, nos valores-notícia (Galtung; Ruge, 1965); atendendo, igualmente, ao carácter de visita de estado da deslocação de D. Manuel II a França; notando, ainda, os cânones dominantes de expressão fotojornalística à época e as limitações impostas pela tecnologia fotográfica do tempo (Sousa, 2000, 2017, 2020), colocaram-se as seguintes hipóteses, a testar ao longo da investigação:

H1: O discurso iconográfico e o discurso verbal da *Ilustração Portuguesa* foram confluentes no processo de geração de sentido para o acontecimento.

H2: A abordagem fotográfica foi formalista, dada a natureza protocolar da visita de Estado.

H3: A cobertura fotográfica centrou-se nas personagens-chave e, portanto, mais noticiáveis do acontecimento, o soberano português e o presidente francês, sem descurar, no entanto, nem das restantes individualidades, que acrescentavam importância simbólica à visita de estado e a oficializavam, nem do próprio “filme” do que sucedeu, traduzindo, neste ponto, a ambição narrativa da reportagem fotojornalística.

A metodologia assenta numa análise descritiva sistemática, por um lado, e qualiquantitativa, por outro, do discurso verbal e visual da *Ilustração Portuguesa* sobre a visita





real de D. Manuel II a França. Identificaram-se os enquadramentos<sup>6</sup> propostos pelo discurso, considerando os temas, os elementos formais da linguagem, nomeadamente as articulações entre o verbal e o visual, os recursos simbólicos e expressivos, as sequências discursivas e os exemplos iconográficos, tendo em conta o contexto histórico coevo. A análise de conteúdo seguiu os procedimentos sugeridos por Wimmer e Dominick (1996), expressando-se os resultados por frequência absoluta e por frequência relativa.

### **A cobertura da *Ilustração Portuguesa***

As três matérias alusivas à visita de estado de D. Manuel II a França foram publicadas num único número da *Ilustração Portuguesa*, o de 13 de dezembro de 1909, ocupando um total de seis páginas e sem qualquer chamada à capa (*Ilustração Portuguesa*, 13 dez. 1909, p. 745, 746, 747-750) (cf. tabela 1). Desde logo, em comparação com o destaque dado pela revista às visitas a Espanha e Inglaterra (cf. tabela 2), imediatamente anteriores, a visita do rei de Portugal a França – à República Francesa – parece ter sido encarada como uma nota de rodapé da história, um acontecimento com menos valor como notícia do que os outros dois. Aliás, quando a revista se referiu, pela primeira vez, às visitas de Estado que D. Manuel II iria fazer, no número de 15 de novembro de 1909 (*Ilustração Portuguesa*, 15 nov. 1909, p. 616-622), omitiu, no título, a França e, nas fotos, o presidente francês, mas destacou os soberanos de Espanha e de Inglaterra. O facto é relevante, quando se relembra que França era o farol cultural latino e que a língua da corte portuguesa era... o francês.

Tabela 1 - Peças alusivas à visita de Estado de D. Manuel II a França na *Ilustração Portuguesa*

Data (1909)	Título da peça	N.º de páginas	N.º de fotos
13 de dezembro	A chegada a França	1	2
13 de dezembro	El-rei em Paris	1	2
13 de dezembro	A caçada de Rambouillet	4	13
<b>Totais</b>		<b>6</b>	<b>17</b>

Fonte: elaboração própria.

<sup>6</sup> Usa-se o conceito de *enquadramento* no sentido que lhe foi dado por Goffman (1974), ou seja, como construção interpretativa capaz de produzir mapas de significado que orientam a leitura e interpretação dos acontecimentos por parte dos leitores, e ainda como ideia estruturadora de um discurso, suscetível de lhe conferir significados particulares (Gamson; Modigliani, 1987).



Tabela 2 - Comparação do comportamento da *Ilustração Portuguesa* na cobertura das visitas de estado de D. Manuel II a Espanha, Inglaterra e França

Cobertura da <i>Ilustração Portuguesa</i>	Matérias	Páginas	Revistas	Fotos	Capas
Visita de Estado a Espanha	4	32	3	105	1
Visita de Estado a Inglaterra	9	35	3	96	1
Visita de Estado a França	3	6	1	17	0

Fonte: elaboração própria.

O contexto histórico fornecerá a explicação para o diferente comportamento da *Ilustração Portuguesa* em relação às visitas de Estado sucessivas de D. Manuel II a Espanha, Inglaterra e França (cf. tabela 2). Por um lado, a turbulência republicana em Portugal aconselharia a que as relações de Estado com a mais importante república europeia, a francesa, não fossem destacadas na imprensa. Por outro lado, as visitas de Estado de D. Manuel II a Espanha e a Inglaterra podem ser lidas como tentativas de obter o apoio das duas potências à monarquia portuguesa. Se o Império Britânico e Espanha segurassem a Casa de Bragança no poder, teria sido mais difícil ou mesmo impossível implantar a República em Portugal. O rei português procurava, aliás, para afiançar o auxílio inglês, não apenas confirmar o apoio do rei Eduardo VII, ainda chocado com a inação portuguesa perante o regicídio de fevereiro de 1908<sup>7</sup>, mas também encontrar uma noiva da família real britânica (*Ilustração Portuguesa*, 22 nov. 1909, p. 660-661) (Fernandes, 2008), o que adicionava *interesse humano* à cobertura da visita de estado a Inglaterra. Daí que a visita de Estado de D. Manuel II a França tenha merecido pouco destaque, quando comparada com o realce dado às visitas a Espanha e Inglaterra. Curiosamente, foi durante a visita a França que o rei se enamorou da sua primeira amante conhecida, a atriz e bailarina mundana Gaby Deslys, facto que a *Ilustração Portuguesa* omitiu.

A primeira peça (*Ilustração Portuguesa*, 13 dez. 1909, p. 745) da narrativa que a *Ilustração Portuguesa* construiu sobre a visita de D. Manuel II a França refere-se à chegada do soberano a Calais (figuras 1 e 2). As fotos, de autoria de Maurice-Louis Branger<sup>8</sup>, mostram o

<sup>7</sup> Assassinato do rei D. Carlos e do príncipe herdeiro D. Luís Filipe por republicanos.

<sup>8</sup> Maurice-Louis Branger (1874-1950), um dos pioneiros do fotojornalismo, trabalhou como fotógrafo a partir de 1895. Em 1905, fundou a agência fotográfica Photopresse, em Paris. Destacou-se, internacionalmente, na cobertura da Primeira Guerra dos Balcãs, em 1913, e da Primeira Guerra Mundial.

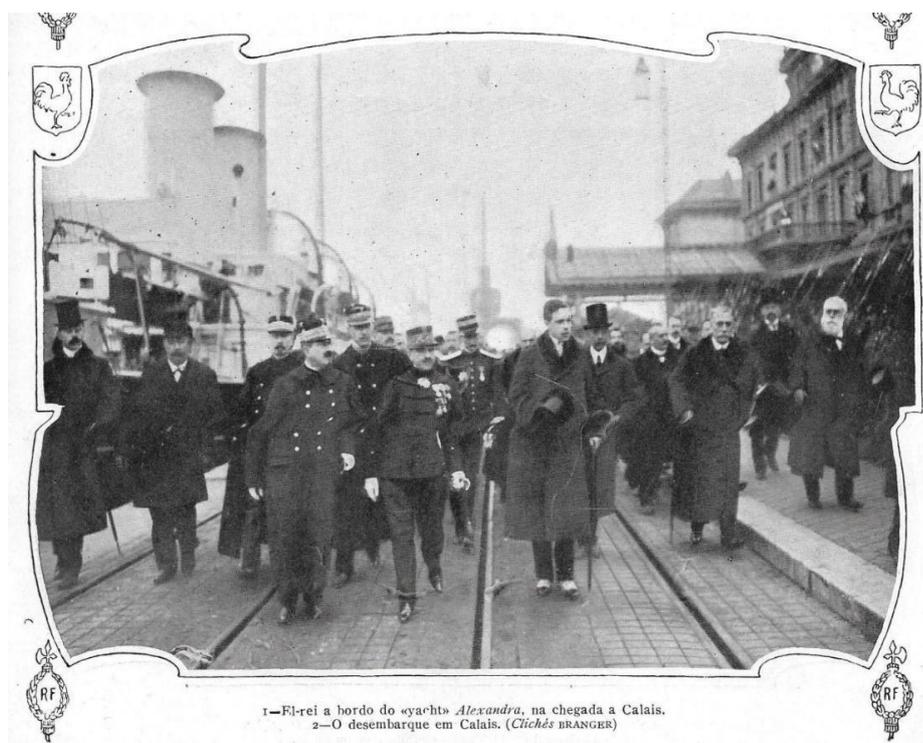
rei no iate Alexandra, que o transportara desde Inglaterra, e a percorrer o cais do porto de Calais, sempre acompanhado pela sua comitiva.

Figura 1 - D. Manuel II e comitiva posam para o fotógrafo antes de desembarcarem em Calais



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 13 de dezembro de 1909, p. 745.  
Créditos fotográficos: Maurice-Louis Branger.

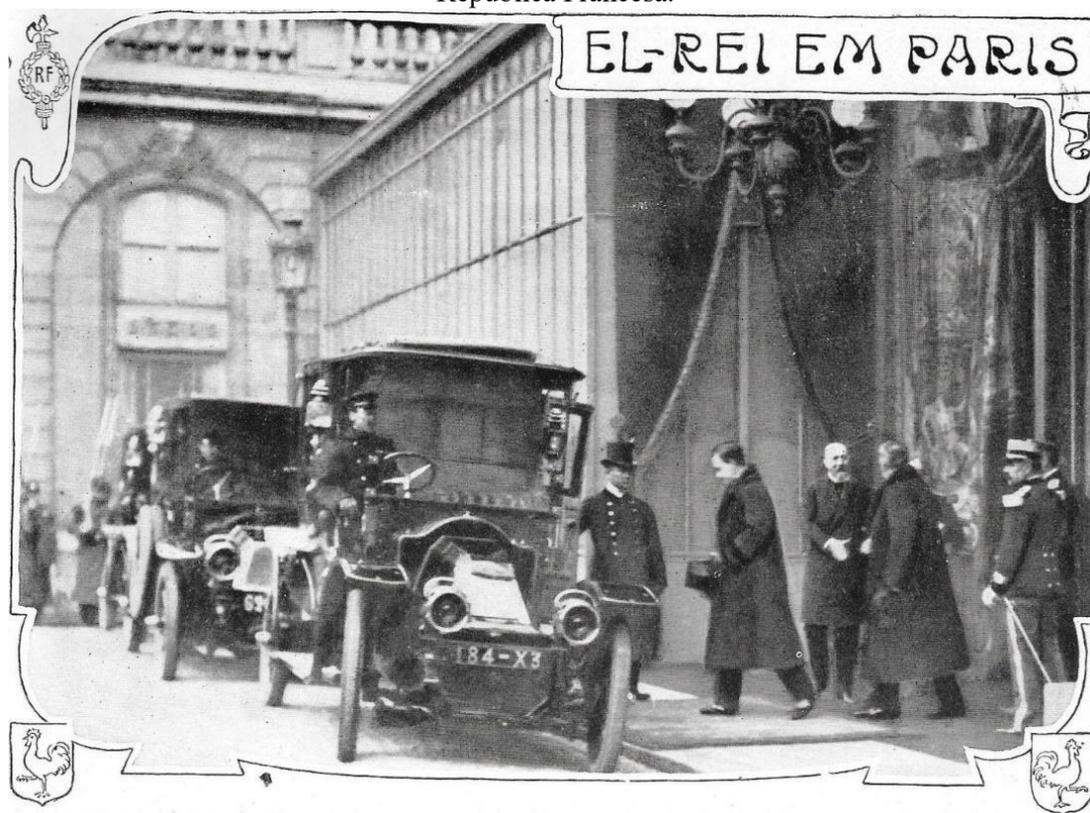
Figura 2 - D. Manuel II e comitiva percorrem o porto de Calais, onde receberam honras militares



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 13 de dezembro de 1909, p. 745.  
Créditos fotográficos: Maurice-Louis Branger.

A segunda peça (*Ilustração Portuguesa*, 13 dez. 1909, p. 746) alude a duas visitas do rei, já em Paris: ao palácio do Eliseu, sede da presidência da República Francesa, onde se encontrou com o presidente francês (figura 3); e à igreja da Madeleine, onde participou numa missa (figura 4). As duas fotografias, a primeira da autoria de um fotógrafo não identificado, colaborador do jornal *New York Herald*, e a segunda de Karl Ferdinand (Charles) Delius<sup>9</sup> documentam, respetivamente, os instantes em que o rei saiu do palácio e da igreja.

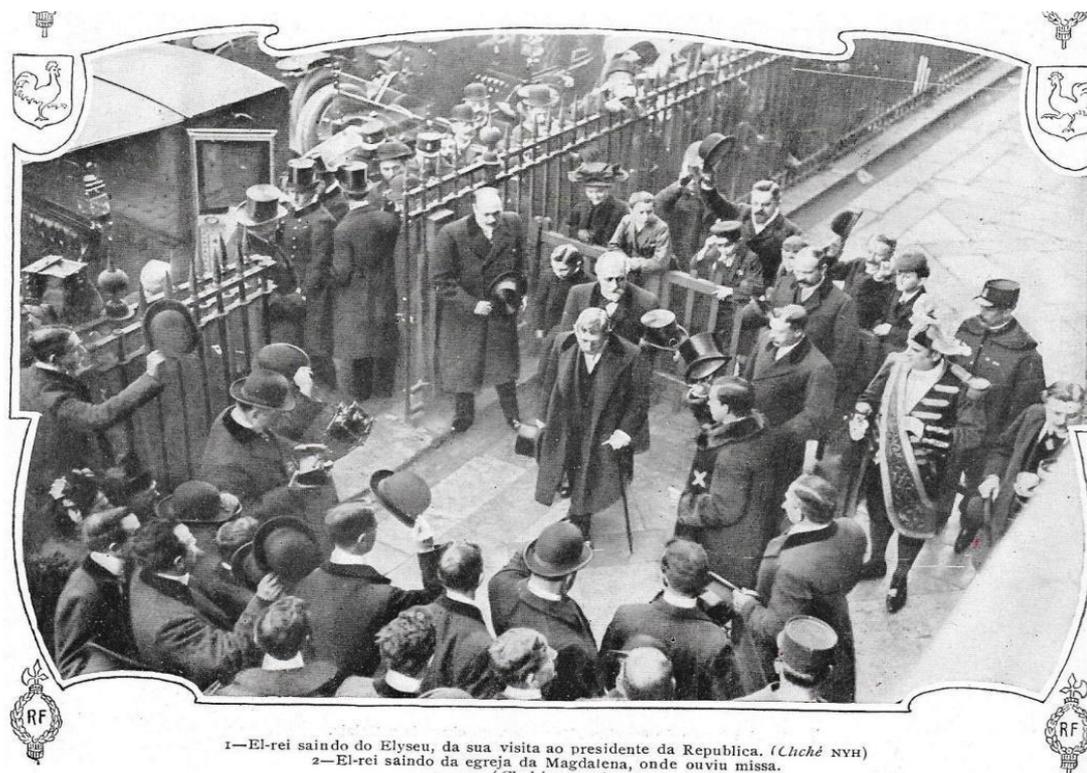
Figura 3 - D. Manuel II sai do palácio do Eliseu, em Paris, depois de se avistar com o Presidente da República Francesa.



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 13 de dezembro de 1909, p. 746.  
Créditos fotográficos: *New York Herald*.

<sup>9</sup> Pioneiro do fotojornalismo, Karl Ferdinand Delius (1877-1962), cujo nome também aparece em francês, como Charles Delius, foi um fotógrafo de origem alemã que fundou, com os empresários Heinrich Sanden e Martin Gordan, uma das primeiras agências fotográficas, a Berliner Illustrationsgesellschaft, em 1900, em Berlim, que abriu delegações noutros países, incluindo França. Em 1920, Delius deixou Berlim e estabeleceu-se em Itália, mas os seus filhos mais velhos reabriram a sua agência parisiense. Em 1928, mudou-se para Nice. A partir deste ano, a sua atividade regista-se, principalmente, em França.

Figura 4 - D. Manuel II sai da igreja da Madeleine, em Paris, depois de participar numa missa.



1—El-rei saindo do Elyseu, da sua visita ao presidente da Republica. (Cluché NVH)  
2—El-rei saindo da igreja da Magdatena, onde ouviu missa.  
(Cluché DELIUS)

Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 13 de dezembro de 1909, p. 746.  
Créditos fotográficos: Charles Delius (Karl Ferdinand Delius).

A terceira e última peça cobre a caçada em Rambouillet (*Ilustração Portuguesa*, 13 dez. 1909, p. 747-750), que fez parte da visita real a França (figuras 5, 6, 7, 8, 9 e 10). As treze fotos desta última matéria testemunham vários instantes da caçada, desde a saída de D. Manuel II da estação de Rambouillet, mas a sua autoria não é creditada, não havendo condições para a atribuir. O destaque dado à caçada em Rambouillet dever-se-á não tanto à sua relevância no contexto da visita de Estado, mas mais à possibilidade de enquadramento desde o dispositivo discursivo da *tradição*. Além disso, uma caçada coberta pelos fotógrafos adicionava *espetacularidade* à cobertura do acontecimento.

Figura 5 - Deslocação e preparativos para a caçada em Rambouillet.



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 13 de dezembro de 1909, p. 747.  
 Créditos fotográficos: não atribuídos.

Figura 6 - O rei de Portugal e o presidente de França caçam em Rambouillet.



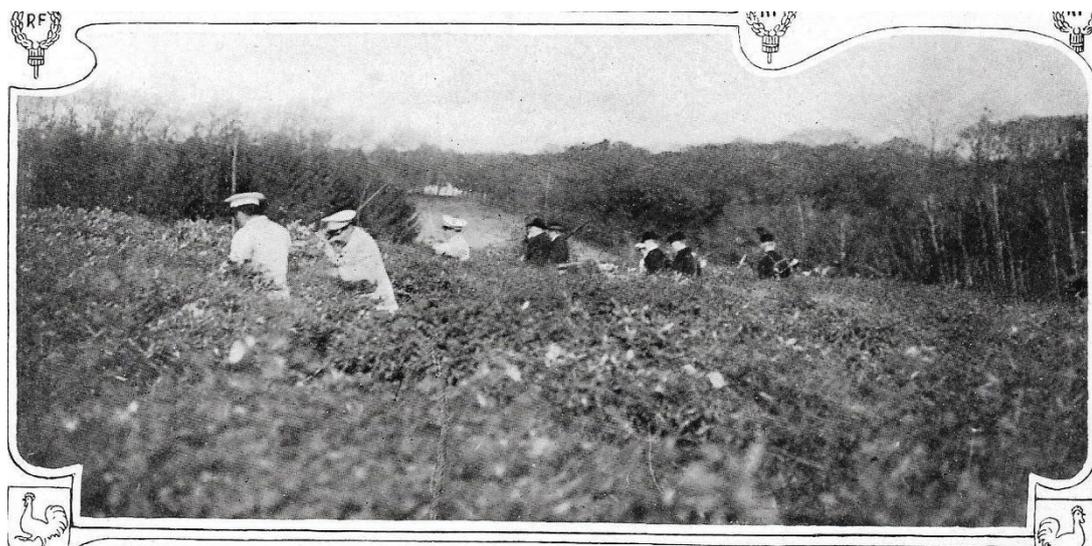
Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 13 de dezembro de 1909, p. 748.  
Créditos fotográficos: não atribuídos.

Figura 7 - Retrato coletivo dos batedores de caça.



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 13 de dezembro de 1909, p. 749.  
Créditos fotográficos: não atribuídos.

Figura 8 - O rei de Portugal e o presidente francês seguem os batedores de caça.



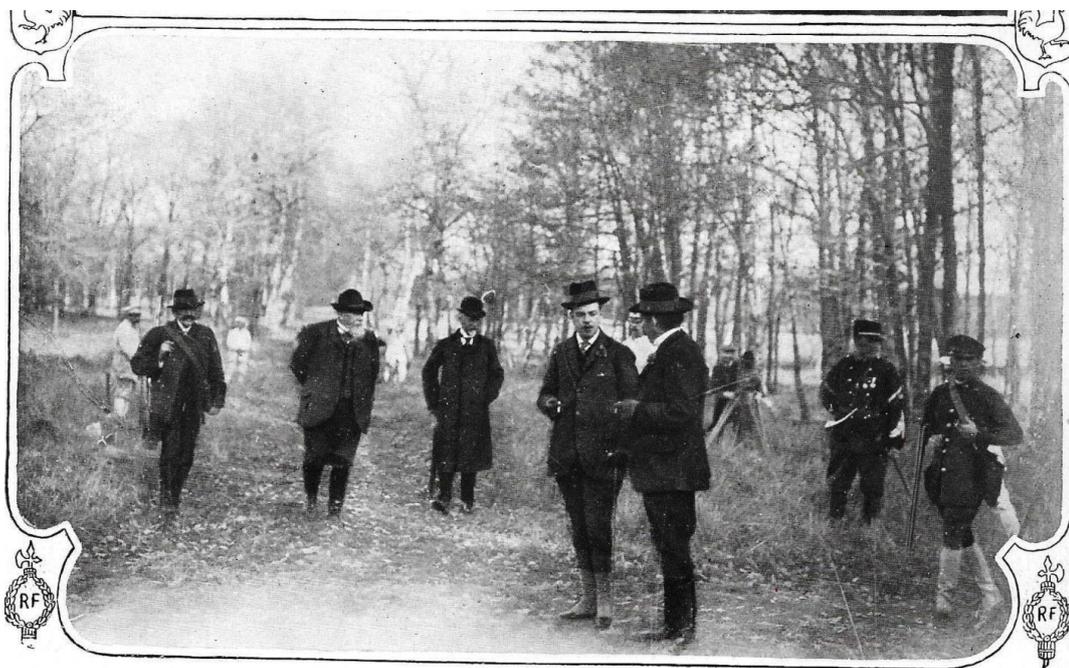
Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 13 de dezembro de 1909, p. 750.  
Créditos fotográficos: não atribuídos.

Figura 9 - D. Manuel II conversa com o presidente e com o presidente do Conselho de Ministros (“primeiro-ministro”) de França, durante a caçada em Rambouillet.



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 13 de dezembro de 1909, p. 749.  
Créditos fotográficos: não atribuídos

Figura 10 - D. Manuel II conversa com o presidente do Conselho de Ministros de França (“primeiro-ministro”), durante a caçada em Rambouillet.



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, 13 de dezembro de 1909, p. 750.  
Créditos fotográficos: não atribuídos.

As 17 fotos da narrativa iconográfica – na verdade, exclusivamente fotográfica – sobre a visita de Estado de D. Manuel II a França repartem-se por duas categorias: retratos e fotografias de ação (tabela 3, gráfico 1):

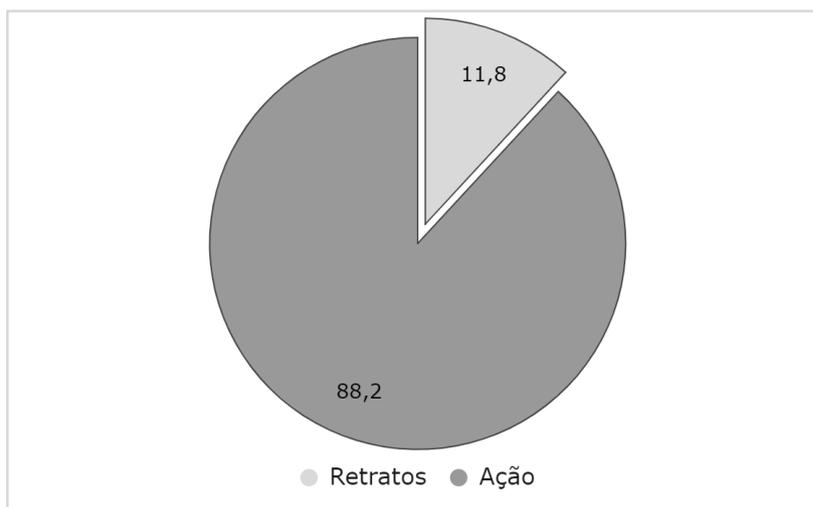
Tabela 3 - Repartição das fotografias de acordo com a tipologia fotográfica

Categoria (tipo)	Descrição	N.º	%
Retrato	Imagens que se centram na representação iconográfica dos protagonistas, no caso retratos coletivos (ou de grupo) <sup>10</sup> , como na figura 1.	2	11,8
Ação	Fotografias que testemunham os aspetos ativos do acontecimento, dotando-o de narratividade cronológica, como nas figuras 2 a 6 e 9 e 10.	15	88,2

Fonte: elaboração própria.

<sup>10</sup> A categorização da foto como retrato foi discutida entre os codificadores. Trata-se de uma fotografia frontal de D. Manuel II e da sua comitiva a bordo do iate *Alexandra*, na amurada, com todos os indivíduos, imóveis, em pose descontraída, virados para o cais, quando desembarcaram em Calais. A presença lateral de dois marinheiros que colaboravam nas manobras de acostagem, além de enquadrar o grupo principal, reforçando a sua presença simbólica, ilustra o momento em que a foto foi obtida - o do atracamento do iate ao cais.

Gráfico 1 - Fotografia por tipo (em percentagem)



Fonte: elaboração própria.

A predominância, quase omnipresença (88,2%), de fotografias de ação (figuras 2 a 6, 9 e 10) na narrativa iconográfica justifica-se porque estas imagens se incorporam numa reportagem fotográfica de um acontecimento que se desenvolveu ao longo do tempo. São essas fotografias que dotam a narrativa da necessária perspetiva temporal cronológica. Por outras palavras, representam a marcha do tempo – na verdade, a representação da marcha do tempo escolhida pelo editor poderá não ter equivalência à cronologia real do acontecimento – por meio da justaposição de imagens referentes a instantes fotografados, pressupostamente sucessivos. Relembre-se, a propósito, que Barthes (1984) explicou que a justaposição é um dos elementos sintáticos da linguagem fotográfica suscetíveis de contribuir para a geração de sentido para a mensagem fotográfica.

Por seu turno, as duas fotografias de retrato (11,8%), ambas retratos coletivos (figuras 1 e 7), captando, frontalmente, em planos de conjunto, vários indivíduos, em pose suave e esboçando sorrisos, permitem ao leitor observar, com algum detalhe, quer o protagonista da ação em curso, o soberano português, em posição central numa das imagens (figura 1), quer personagens secundárias – no caso, uma personagem secundária coletiva, os batedores de caça – da ação (figura 7). A identificação das personagens é fundamental em qualquer narrativa. O retrato cumpre essa função, que não é tão patente nas fotografias de ação, nas quais as personagens, por vezes, até são captadas lateralmente (por exemplo, figuras 3, 6, 8, 9 e 10), por

força das circunstâncias da própria ação fotograficamente representada. Num caso atípico e divertidamente surpreendente no contexto da narrativa, surge, inclusivamente, uma foto em plano picado (figura 4), que desvaloriza simbolicamente os sujeitos fotográficos, incluindo o rei de Portugal, perdido no meio dos restantes actantes fotográficos, obrigando, até, a que a sua figura fosse assinalada com um X.

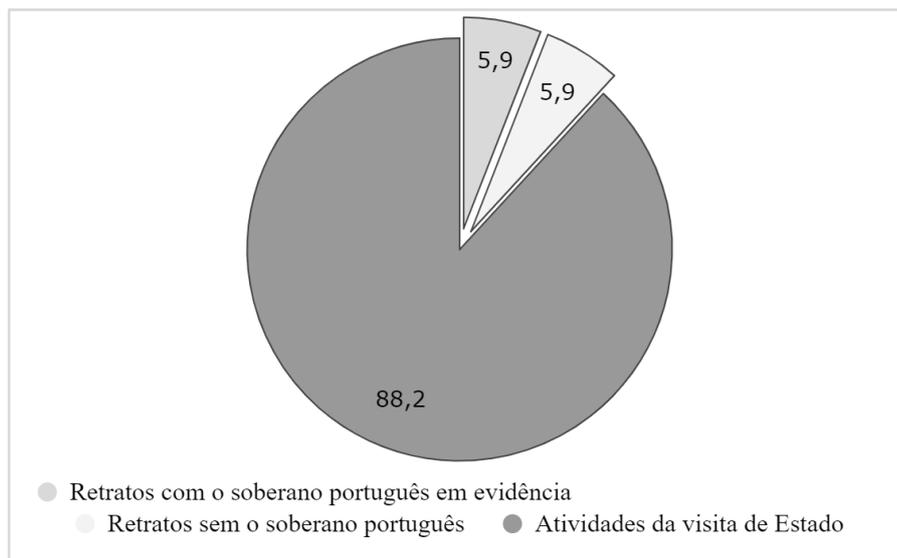
As fotografias da narrativa foram codificadas nas categorias temáticas descritas na tabela 4 e no correspondente gráfico 2.

Tabela 4 - Repartição das fotografias por tema

<b>Categoria (tema)</b>	<b>Descrição</b>	<b>N.º</b>	<b>%</b>
Retrato coletivo com o soberano português em evidência	Retrato coletivo (fotografia posada de indivíduos) no qual o soberano português é figura central, ainda que surjam, lateralmente, outras personagens da narrativa (figura 1). Não inclui fotografias do soberano captadas em momentos de ação.	1	5,9
Retrato coletivo sem a presença do soberano português	Retrato coletivo (fotografia posada de indivíduos) sem a presença do soberano português e focando personagens secundárias da narrativa (figura 7).	1	5,9
Atividades da visita de Estado	Fotografias que testemunham os diferentes segmentos que compuseram a visita de Estado de D. Manuel II a França e que constituem a totalidade das fotografias classificadas tipologicamente como sendo fotografias de ação (chegada de D. Manuel II a Calais, cerimónias protocolares, atividades em Paris, caçada em Rambouillet), patentes nas figuras 2 a 6, 9 e 10.	15	88,2

Fonte: elaboração própria.

Gráfico 2 - Fotografia por tema (em percentagem)



Fonte: elaboração própria.

Os dados quantitativos expostos no quadro 2 documentam que a narrativa fotográfica da visita de Estado de D. Manuel II a França é constituída por duas fotografias de retrato (11,8 % das fotos), na primeira das quais o rei de Portugal é personagem central (figura 1, 5,9% das fotos), e por fotografias de ação (figuras 2 a 6 e 9 e 10) das atividades da visita real (88,2%), nas quais assenta a narrativa propriamente dita, estabelecendo simbolicamente, do início ao fim, as interações entre as personagens ao longo do tempo e a cronologia de eventos que compõem o acontecimento.

A narrativa visual da visita de Estado de D. Manuel II a França construiu-se, pois, pela apresentação simbólica e significativa de uma série de instantes de ocorrências tidas por relevantes, cronologicamente ordenadas, nas quais determinadas personagens, com destaque para o rei português e para o presidente francês, interagiram, num espaço e tempo determinados. Centrou-se, assim, nos aspetos ativos da visita de Estado, em concreto nas diferentes ações segmentadas que compuseram o acontecimento, categoria que perfaz 88,2% das fotografias, sendo de assinalar, ainda, o primeiro dos dois retratos (figura 1, 5,9% das fotos), que coloca em evidência o soberano luso, um dos protagonistas da ação, em posição central. O resultado dever-se-á à confluência de vários fatores (Sousa, 2005b):



a) *A ação pessoal* dos fotojornalistas que cobriram os vários aspetos da visita de Estado do rei português a França, os quais, acompanhando o chefe de estado português, cobriram, diligentemente, a visita real. A eles era permitido entrar nos espaços onde decorria e fotografar as personagens em interação, inclusivamente num retrato coletivo (figura 1), no qual os *atores sociais*, personagens da narrativa, posam para a câmara, mesmo fazendo-o candidamente. Ainda que a narrativa do acontecimento tenha sido construída com o contributo de vários autores, designadamente de fotógrafos e redator, os *narradores*, é possível que o arranjo autoral final da reportagem seja de Carlos Malheiro Dias, ao tempo diretor e editor da *Ilustração Portuguesa*;

b) O *fator tecnológico*, já que, em 1909, a tecnologia fotográfica (maneabilidade e portabilidade das câmaras, luminosidade das objetivas, sensibilidade do suporte, dispositivos de iluminação no interior, designadamente *flash* de magnésio) já permitia a cobertura de instantes de ação, quer em espaços exteriores, quer em espaços interiores; e

c) *A ação pessoal* do editor, devido às escolhas que fez.

A predominância, na narrativa iconográfica, de fotografias das diferentes atividades em que se desdobrou a visita de Estado (88,2% das fotos) encontra justificação no facto de estas imagens se incorporarem numa reportagem fotográfica de um acontecimento diversificado nos momentos que o compuseram, que se desenvolveu ao longo de vários dias e que constituiu o motivo da cobertura. As fotografias de ação dão, ademais, *intensidade* e *força* à narrativa iconográfica do acontecimento.

Conforme se observa nas fotografias selecionadas como exemplos-padrão da cobertura (figuras 1 a 10), a opção por uma narrativa fotográfica extensa, ampla, fílmica, que deu, acumulativa e sucessivamente, conta de vários instantes do que se passou, permitiu à fotografia cumprir o seu papel de documentar e testemunhar, global e visualmente, o acontecimento e de saciar a curiosidade do leitor e as suas expectativas informativas. Aliás, não era, ao tempo, comum, nas revistas ilustradas portuguesas, optar-se por abordagens aos assuntos da atualidade



centradas em fotografias únicas que condensassem em si a simbologia de todo um acontecimento (Sousa, 2017), o que Henri Cartier-Bresson veio a chamar de “instante decisivo”. Por um lado, o leitor português esperaria das revistas ilustradas *filmes* dos diferentes acontecimentos e estas tentavam corresponder às demandas do mercado; por outro lado, as limitações tecnológicas que ainda subsistiam no início do século XX e as rotinas e cultura profissional dos fotojornalistas também promoviam abordagens fotográficas *filmicas* para as singularidades notáveis da atualidade, isto é, os acontecimentos noticiáveis (Sousa, 2000; 2017, 2020).

Os valores-notícia, na linha interpretativa aberta por Galtung & Ruge (1965), contribuem para explicar, por sua vez, o relevo dado aos indivíduos que protagonizaram a visita de Estado, com destaque para o soberano português, D. Manuel II, para o presidente francês, Armand Fallières, e ainda para o presidente do governo francês, Aristide Briand, quer nas diversas fotografias de ação (figuras 2 a 6 e 9 e 10), quer ainda, no caso do rei, na fotografia de retrato que assinala a sua chegada a França (figura 1).

O retrato coletivo da figura 1 sinaliza, efetivamente, D. Manuel II e actantes secundários da história, permitindo ao leitor familiarizar-se com as suas figuras. Curiosamente, o retrato da figura 2 mostra actantes secundários com papel coletivo na narrativa – os batedores da caçada de Rambouillet. O fotógrafo desviou por um momento o seu olhar fotográfico para personagens secundárias da narrativa e contou com a cumplicidade do editor para as conduzir, coletivamente, ao olhar do leitor. Ao evidenciar indivíduos, a narrativa ganha *interesse humano*. Aliás, as histórias jornalísticas centram-se, normalmente, em pessoas e nas suas ações na sociedade, pois são, no que à noticiabilidade diz respeito, as mais relevantes e as que têm, por norma, mais sucesso junto do recetor (Sousa, 2005a). Comprova-se, assim, que as audiências, no caso os *narratários*, fazem, efetivamente, parte do processo jornalístico, quer porque atribuem sentido e dão significado às mensagens jornalísticas, quer porque influenciam as linhas e escolhas editoriais (Sousa, 2005b).

Outro aspeto a considerar na análise na narrativa fotográfica da visita de D. Manuel II a França são os aspetos linguísticos e expressivos da mensagem fotográfica, que contribuem para os processos de geração de sentido da narrativa e de atribuição de significado por parte dos recetores.



Barthes (1984) sugeriu que o sentido dado à mensagem fotográfica depende de fatores<sup>11</sup> como: a presença e pose dos sujeitos fotografados; os objetos visíveis; a abordagem estética; a fotogenia dos elementos da imagem; a sintaxe; e o texto verbal que complementa o sentido das imagens, orientando a leitura e suprindo as debilidades ontogênicas das fotos, que se concretiza nas legendas e no restante texto verbal. Na iconografia jornalística da visita de D. Manuel II a França, pode observar-se, genericamente, o seguinte:

1. Quanto aos sujeitos centrais da narrativa, o soberano português e o presidente francês, há um esforço para os mostrar em poses descontraídas e sempre em roupas civis (todas as figuras, com exceção da 7), que os aproximam, simbolicamente, das pessoas comuns. A crer no que mostram as fotografias, e ainda que as fotografias, ao mostrarem, também ocultem, ao contrário do que sucedeu nas visitas a Espanha e Inglaterra, na República Francesa D. Manuel II não terá usado uniforme militar, o que acentuou o carácter *civil*, ou, mais ainda, *civilista*, da visita de Estado. Transparece das fotos a ideia de que a monarquia portuguesa seria uma espécie de república com um rei e que o facto de Portugal ser uma monarquia não desconsiderava o país perante a mais importante república europeia da época.

2. Quanto aos objetos presentes nas imagens, que contribuem para a produção de sentido, é de notar a alternância entre, por um lado, símbolos de tradição (como as charretes, na figura 5) e símbolos de poder (como os indivíduos fardados – motoristas, militares – que rodeiam o rei português e o presidente francês, visíveis, por exemplo, nas figuras 2, 3, 6, 9 e 10) e, por outro lado, os símbolos de modernidade, como os imponentes automóveis, na figura 3, e as roupas civis, em todas as imagens, com exceção da figura 7. Projetam, assim, da visita real de D. Manuel II a França, uma visão que associa a monarquia à capacidade de renovação e adesão ao espírito do tempo, o que é reforçado pela evidente juventude do soberano português, que contrasta, inclusivamente, com o visível peso da idade do presidente francês. Apelam, de algum modo, à ideia de que a existência de uma monarquia em Portugal não

---

<sup>11</sup> Não se considerou a truncagem, de que não se encontraram vestígios.





degradava a qualidade dos laços de amizade com a República Francesa, tanto mais que a França era ainda o farol cultural dos países latinos.

3. Quanto à estética fotográfica, evidencia-se, na reportagem, a onnipresença de planos de conjunto, que resulta, em grande medida, dos constrangimentos tecnológicos das câmaras, objetivas e suportes de fixação de imagem, e também denuncia as *rotinas produtivas* que os fotojornalistas desenvolviam para, expeditamente, cobrirem acontecimentos em evolução. Os planos de conjunto aproximam, simbolicamente, o leitor dos protagonistas, personagens secundárias e figurantes da narrativa iconográfica, mostrando, contextualmente, um pouco do espaço em que interagem, mas sem permitir a invasão simbólica do seu espaço privado.

4. A fotogenia permitiu oferecer ao leitor *versões* controladas e positivas das cenas e dos sujeitos e expressou-se, principalmente, nos cuidados com a composição e com a iluminação, observáveis na generalidade das imagens, e nas roupas cuidadas e sofisticadas, ainda que civis, do rei de Portugal, do presidente francês, do presidente do governo francês, Aristide Briand e de outras personagens.

5. Quanto à sintaxe das imagens enquanto instrumento de produção de sentido, sublinha-se, ao longo de toda a narrativa, o esforço para respeitar uma sequência de fotografias lógica e, frequentemente, cronológica, que desse conta, de uma forma fácil e rapidamente apreensível, da evolução “fílmica” da visita de estado de D. Manuel II a França. No caso da caçada em Rambouillet, que, ademais, promove a ideia de que as repúblicas procuravam emular as monarquias no respeito pelas tradições, é notória a preocupação de dar dela conta instante a instante (figuras 5 a 10), pontuada, no entanto, por um momento de pausa, materializado no retrato coletivo dos batedores de caça (figura 7), personagem coletiva secundária da narrativa.

Quase todas as fotos, cujo formato varia para criar ritmo expressivo na paginação e, conseqüentemente, na leitura, evitando a monotonia e o aborrecimento do leitor, são rodeadas





de molduras artísticas desenhadas, destinadas a promover, simbolicamente, a fotografia, mesmo quando usada com fins informativos e especificamente jornalísticos, à condição de arte. Algumas molduras gráficas contribuem, ainda, para apelar à identificação da narrativa com a República Francesa, sendo particularmente notados os símbolos RF e o galo gaulês.

No seu conjunto, as fotografias da visita de Estado, mostrando e testemunhando as honras conferidas ao monarca português por França e pelo presidente francês, trabalharam, simbolicamente, para o engrandecimento de D. Manuel II e para a legitimação simbólica do poder real e sustentação do *statu quo*, no caso, para a preservação da monarquia – de uma monarquia capaz de se rejuvenescer – como forma de regime em Portugal, algo aceite, inclusivamente, pela mais importante república europeia da época, a francesa.

Destaque para a *sensacional* caçada em Rambouillet (figuras 5 a 10), o evento mais coberto fotograficamente pela *Ilustração Portuguesa* durante a visita de Estado de D. Manuel II a França. A caçada propiciou *oportunidades fotográficas* para captar o soberano português e o presidente francês em momentos de descontração, camaradagem amistosa e entretenimento. A narrativa da caçada pode, ainda, ser lida de acordo com dois dispositivos de enquadramento.

O primeiro é o mito da *masculinidade*. Os homens, à época, deveriam exibir amor às atividades viris ao ar livre. Particularmente, um chefe de estado, à época, tinha de ser, ao mesmo tempo, um *gentleman* e um *sportsman*, e também tinha de respeitar as tradições, nomeadamente as mais conotadas com a masculinidade, como a caça.

O segundo, curiosamente, é o da *tradição*. A caçada associava a república à monarquia, valorizando a ideia de que as tradições e costumes, independentemente do regime, se deveriam manter. Ao conotar-se com uma atividade talvez mais conotada com as monarquias, como a caça, uma república também parecia enobrecer-se.

É de relevar, ainda, a *facilidade de acesso* aos lugares e protagonistas que os fotojornalistas evidenciavam. Nas democracias liberais, como eram Portugal e a França, o poder já não podia passar sem a publicitação controlada dos seus atos e a fotografia veiculada pela imprensa era, para este objetivo, um instrumento relevante. De notar, ainda, a capacidade denotada pelos fotojornalistas, com a cumplicidade dos editores, de deslocar, ocasionalmente, a narrativa dos protagonistas e eventos centrais do acontecimento para personagens e assuntos





colaterais e secundários que intensificam o *interesse humano* da fotorreportagem, conforme se pode observar, por exemplo, no retrato coletivo dos batedores de caça patente na figura 7.

Finalmente, é de notar que a cultura da época, definidora não apenas dos gostos dominantes mas também da maneira de olhar para o mundo e para os outros, e as rotinas profissionais deram um determinado tom e ângulo à cobertura da visita de estado de D. Manuel II a França. Hoje em dia, com grande probabilidade, a caçada, por exemplo, seria, no mínimo, controversa e uma visita de Estado sublinharia aspetos culturais e económicos.

### Conclusões

A presente investigação propôs-se a descrever a narrativa iconográfica que a revista semanal *Ilustração Portuguesa* construiu da visita de Estado que o rei D. Manuel II realizou a França, entre 27 de novembro e 2 de dezembro de 1909, determinando a sua estrutura temática, identificando os recursos expressivos usados e apurando os enquadramentos sugeridos para o acontecimento.

A evidência produzida pelos dados recolhidos permite afirmar, primeiro, que o acontecimento foi notícia porque foi encarado como uma singularidade notável, definida no tempo e no espaço, e que combina valores-notícia como a referência a pessoas e países de elite e a proximidade. A visita real de D. Manuel II a França constituiu, portanto, para os portugueses coevos, um tema relevante e noticiável, ainda que tenha apresentado menos valor como notícia do que as visitas reais anteriores a Espanha e Inglaterra.

Segundo, permite, igualmente, afirmar que a narrativa, por força da *ação pessoal* dos fotojornalistas e, ao nível dos fatores socio-organizacionais que se fazem sentir sobre a produção jornalística (Sousa, 2005b), das escolhas do editor (possivelmente Carlos Malheiro Dias), visou oferecer ao leitor, principalmente, uma *leitura filmica*, cronológica, abrangente, do acontecimento, assente na documentação testemunhal fotográfica de instantes dos diversos eventos que o compuseram. As fotos preencheram as páginas da *Ilustração Portuguesa* consagradas ao assunto, relegando o texto verbal para segundo plano. Várias fotografias, entre as quais algumas pontuadas por abordagens cândidas e intimistas, valorizaram o jovem soberano português, conotando-o como representante de uma monarquia moderna, que, não obstante, respeitava as tradições e o cerimonial protocolar.





No seu conjunto, texto verbal e texto iconográfico são apreciativos da monarquia portuguesa e de D. Manuel II, tão bem acolhido em França, um país com um regime republicano mas que funcionava como principal farol cultural para Portugal – a própria língua quotidiana da corte portuguesa era o francês.

Das três hipóteses colocadas, a primeira pode, pois, ser aceite, já que o texto verbal e o texto imagístico se reforçaram mutuamente para gerar sentido, ainda que o redator tenha usado as palavras não só para descrever verbalmente as ações testemunhadas e documentadas fotograficamente, suprimindo, com informação verbal, as lacunas ontogénicas das fotografias no processo de geração de sentido. É de realçar, neste contexto, a abertura dos políticos ao trabalho dos fotógrafos. A presença destes últimos nos espaços dos acontecimentos – que influenciavam, pois o observador influencia o que observa – permitiu não apenas documentar, visualmente, a visita de estado de D. Manuel II a França mas também propagandear o novo e jovem rei e a monarquia portuguesa, contribuindo para a legitimação simbólica do *statuo quo* português e, portanto, do poder real e do regime monárquico, que, aparentemente, era capaz de estabelecer as melhores relações com regimes republicanos, como o francês. Nas democracias liberais, como eram Portugal e a França, o poder, fosse este republicano, fosse este monárquico, precisava da imprensa e, conseqüentemente, dos fotojornalistas e da fotografia jornalística, para se legitimar continuamente por meio da publicitação controlada dos seus atos.

Como pormenor não despidendo no que respeita ao texto verbal, deve chamar-se a atenção para o recurso a títulos neutros e meramente referenciais, apesar de o jornalismo atravessar uma fase histórica de renovação e popularização que, estimulada pelo Novo Jornalismo finissecular norte-americano, o conduziu ao sensacionalismo (Sousa, 2008).

A segunda hipótese colocada não pode ser totalmente aceite, pois a cobertura, sem prescindir da formalidade, seguiu um cânone cândido, descontraído. Os fotógrafos podiam aproximar-se do rei português e do presidente francês e de outros personagens e fotografá-los em ocasiões que pareciam informais e descontraídas. Havia notória cumplicidade – e confluência de interesses – entre o monarca português, o presidente francês e outros personagens dotados de capital social e político, por um lado, e os fotojornalistas, por outro lado. Os detentores de poder precisavam de publicitar os seus atos pela imprensa, ao tempo o principal meio de difusão massiva de mensagens, legitimando-se e valorizando-se





continuamente aos olhos dos cidadãos e defendendo, assim, a sua utilidade e relevância. Os segundos ambicionavam executar o seu trabalho, justificando o papel social e profissional que foram construindo. Quereriam, também, certamente, sobressair e promoverem-se entre os seus pares e perante o público, obtendo reconhecimento, por meio da produção de fotografias informativas inéditas, exclusivas ou em primeira-mão, que não só testemunhassem os eventos que cobriam mas que também demonstrassem a sua competência como fotógrafos, dando conta, nomeadamente, de um *olhar fotográfico* diferenciado e competente.

Finalmente, a terceira hipótese também só pode ser aceite parcialmente, já que a narrativa, povoada, maioritariamente, por *fotografias de ação*, se centrou no “filme” do que sucedeu, testemunhando e documentando o acontecimento, ainda que as personagens-chave e, portanto, mais noticiáveis do acontecimento – D. Manuel II e Armand Fallières – e as restantes individualidades presentes, que acrescentavam importância simbólica à visita de estado e a oficializavam, não tivessem sido descuradas na cobertura.

### Referências

BARTHES, Roland. A mensagem fotográfica, *In*: BARTHES, Roland. **O óbvio e o obtuso**. Coimbra: Edições 70, 1984, p. 13-25.

FERNANDES, Liliana Raquel Rodrigues. **Maçonaria e implantação da República**. Dissertação de mestrado (Departamento de Línguas e Culturas) - Universidade de Aveiro, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10773/2811>. Acesso em: 03 fev. 2023.

GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. The structure of foreign news. The presentation of the Congo, Cuba and Cyprus crises in four Norwegian newspapers. *In*: **Journal of Peace Research**, v. 2, n. 1, p. 64-90, 1965. Disponível em: <https://doi.org/10.1177%2F002234336500200104>. Acesso em: 03 fev. 2023.

GAMSON, William A.; MODIGLIANI, Andre. The changing culture of affirmative action. *In*: BRAUNGART, Richard (ed.). **Research in political sociology**. Greenwich, CT: JAI Press Inc., 1987. v. 3, p. 137-177.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**. Para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012.

GOFFMAN, Erving. **Frame analysis: an essay on the organization of experience**. Cambridge: Harvard University Press, 1974.





ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA. A viagem do chefe do Estado às cortes de Espanha e de Inglaterra, 15 nov. 1909, p. 616-622.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA. A viagem do chefe do Estado às cortes de Espanha e de Inglaterra, 22 nov. 1909, p. 660-661.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA. A noiva que a imprensa teima em dar a el-rei, 6 dez. 1909, p. 736.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA. A chegada a França, 13 dez. 1909, p. 745.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA. El-rei em Paris, 13 dez. 1909, p. 746.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA. A caçada de Rambouillet. 13 dez. 1909, p. 747-750

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA. A futura rainha de Portugal, 13 dez. 1909, p. 761-762.

LIMA, Helena. **A imprensa portuense e os desafios da modernização**. Lisboa: Livros Horizonte & Centro de Investigação Media e Jornalismo, 2012.

MATOS, Álvaro Costa de. The press in the First Portuguese Republic: Constants and guiding principles (1910-1926). *In*: SOUSA, Jorge Pedro; LIMA, Helena; HOHLFELDT, Antonio; BARBOSA, Marialva (org.). **A history of the press in the Portuguesespeaking Countries**. Media XXI, 2014, p. 113-172.

OLIVEIRA, Gil Vicente Vaz. Flashes do passado: o fotojornalismo como fonte histórica. **Revista Eletrónica de História do Brasil**, v. 1, n. 2, jul.-dez. 1997.

PROENÇA, Cândida; MANIQUE, António Pedro. **Ilustração Portuguesa**. Portugal: Alfa, 1990.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. *In*: **Revista de Comunicação e Linguagens**, 8. Lisboa: CECL/Edições Afrontamento, 1988, p. 9-16.

SERÉN, Maria do Carmo. Ilustração Portuguesa, *In*: **Ilustração Portuguesa**. Lisboa: Centro Português de Fotografia/Ministério da Cultura, 2004, p. 68-119.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do Fotojornalismo Ocidental**. Florianópolis: Letras Contemporâneas & Argos/UNOESC, 2000.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Jornalismo impresso**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2005a.





SOUSA, Jorge Pedro. Construindo uma Teoria Multifatorial da Notícia como uma Teoria do Jornalismo. *In: Estudos em Jornalismo & Mídia*, v. 2, n. 1, p. 73-94, jan. 2005b. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2090>. Acesso em: 03 fev. 2023

SOUSA, Jorge Pedro. Uma história breve do jornalismo no Ocidente, *In: J. P. SOUSA (org.), Jornalismo: história, teoria e metodologia da pesquisa. Perspetivas luso-brasileiras*. Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008. p. 12-93. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2023.

SOUSA, Jorge Pedro. **Veja! Nas origens do Jornalismo iconográfico em Portugal: Um Contributo para uma história das revistas ilustradas portuguesas (1835-1914)**. Porto: Media XXI, 2017.

SOUSA, Jorge Pedro. **Para uma história do jornalismo iconográfico em Portugal**. Das origens a 1926. Livros ICNOVA, 2020. Disponível em: <https://www.icnova.fcsh.unl.pt/para-uma-historia-do-jornalismo-iconografico-em-portugal-das-origens-a-1926/>. Acesso em: 03 fev. 2023.

SOUSA, Jorge Pedro. **Portugal. Pequena história de um grande jornalismo I: da manufatura à indústria**. Livros ICNOVA, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.34619/hyc1-qblv>. Acesso em: 03 fev. 2023.

WIMMER, Roger D.; DOMINICK, Joseph. R. **La investigación científica de los medios de comunicación: una introducción a sus métodos**. Barcelona: Bosch, 1996.

Submetido em: 05.03.2023

Aprovado em: 30.07.2023

